

## **Aspetos metodológicos do inquérito por entrevista**

Sandra T. Valadas

Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações (CIEO), Universidade do  
Algarve  
([svaladas@ualg.pt](mailto:svaladas@ualg.pt))

Fernando Ribeiro Gonçalves

Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações (CIEO), Universidade do  
Algarve  
([fgonc@ualg.pt](mailto:fgonc@ualg.pt))

RESUMO: Tendo com pano de fundo as perspetivas dos atores mais diretamente envolvidos no processo de avaliação externa de escolas do ensino não superior, iremos centrar-nos, fundamentalmente, na recolha de opiniões junto dos diretores de escolas relativamente ao impacto e efeitos da avaliação externa.

A comunicação centrar-se-á nos diferentes tipos de entrevista (diretiva, semi diretiva e não diretiva) e procedimentos (construção, validação e aplicação). A utilização das entrevistas enquanto estratégia metodológica será devidamente contextualizada e apresentadas as vantagens da sua aplicação ao público em causa. Serão também referidas as dimensões em análise, reportadas ao projeto, e que remetem para o impacto e efeitos na escola (organizacionais, pedagógicos e curriculares) e na comunidade. Por fim, serão referidos alguns procedimentos de análise de dados utilizados no quadro de softwares específicos (N-vivo) e outros procedimentos de análise de conteúdo (categorização emergente e pré-determinada).

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PTDC/CPE-CED/116674/2010.

## **Introdução**

A comunicação que aqui se apresenta remete para os aspetos metodológicos do inquérito por entrevista no contexto de uma das tarefas a serem concretizadas no âmbito do projeto de investigação “Avaliação do impacto da avaliação externa nas escolas do ensino não superior”.

É nossa intenção, por um lado, conhecer as perspetivas dos diretores das escolas avaliadas relativamente ao grau de satisfação com o processo de avaliação externa a cargo da IGE/IGEC no 1º e 2º ciclos de avaliação. Por outro lado, pretendemos identificar o impacto e efeitos da avaliação externa na melhoria da escola em termos organizacionais, curriculares e pedagógicos. Neste sentido, justifica-se a opção por metodologias quantitativas e qualitativas materializadas num modelo misto de recolha de dados, com destaque para a análise de documentos, entrevistas e questionários.

É sobre o inquérito por entrevista que nos centramos, entendido como a estratégia mais adequada para avaliação de eficiência e do impacto e efeitos da avaliação externa de escolas.

## **Objeto/campo de estudo**

O campo de estudo inclui o universo das escolas avaliadas, respeitando a singularidade das escolas em análise. Assim, os participantes neste estudo integrarão uma amostra estratificada retirada das escolas selecionadas aleatoriamente nas quatro regiões do território nacional (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve). Trata-se de uma amostragem por casos múltiplos de 25 diretores de agrupamentos/escolas que, tendo em consideração as características referidas por Guerra (2006) e Pires (1997), revelou ser a mais adequada.

## **Entrevista em avaliação**

A nossa opção por uma entrevista semiestruturada ou semidiretiva justifica-se se considerarmos as potencialidades desta estratégia. Por um lado, permite reorientar o guião da entrevista em função das verbalizações e reações dos entrevistados (Bardin, 2004); por outro, nem todas as intervenções do entrevistador são previamente determinadas (Bisquerra, 1989; De Ketele & Roegiers, 1993, 1999; Fox, 1981). Acresce o facto de possibilitar a expressão dos entrevistados, uma vez que as informações recolhidas refletem o melhor das suas representações sobre a temática em análise. De destacar ainda que o guião, na sua versão final, será sujeito a uma validação aparente e de conteúdo.

Para Bogdan e Biklen (1994) e Ghiglione e Matalon (1997), esta estratégia de recolha de dados é especialmente adequada quando o investigador tem por objetivos: a) analisar o sentido que os atores atribuem às suas práticas e aos acontecimentos com os quais são confrontados (sistema de valores, referências normativas, interpretações em situações conflituosas, leituras que fazem das suas próprias experiências); b) analisar um problema específico (dados, pontos de vista, sistemas de relações, funcionamento de uma organização, etc.); e ainda c) reconstituir um processo de ação, experiências ou acontecimentos do passado.

A entrevista semiestruturada assume, assim, um conjunto de particularidades e vantagens, destacadas por Bogdan e Biklen (1994), Ghiglione e Matalon (1997) e Quivy e Campenhoudt (1995). Refira-se, a este propósito, o grau de profundidade dos elementos de análise, sendo este instrumento adequado para aprofundar um determinado domínio ou verificar a evolução de um domínio já conhecido. A flexibilidade e a fraca diretividade do dispositivo permitem recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os seus próprios quadros de referência (linguagem e categorias mentais), garantindo, por isso, menor ambiguidade. Ainda, de realçar a possibilidade de recolha de informação válida junto de informadores privilegiados (diretores de escolas), focando-se a entrevista num respondente influente, proeminente e bem informado da organização (Demazière e Dubar, 1997; Olabuénaga, 2003; Ruquoy, 1997). Esta estratégia possibilita, assim, a obtenção de uma perspetiva global sobre a organização, o conhecimento da estrutura, das políticas, da história e dos planos da organização. Os dados recolhidos poderão, numa etapa final do processo, ser comparáveis entre os vários participantes no estudo.

### **Desenho do estudo e procedimentos**

Como já referimos anteriormente, serão inquiridos diretores de escolas alvo do 1º (2006-2011) e 2º ciclos (2011-) de avaliação externa, no sentido de avaliar o impacto e efeitos da avaliação externa na consolidação da autoavaliação institucional, na melhoria da escola em termos organizacionais, curriculares e pedagógicos, e ainda na participação da comunidade na dinâmica das escolas. Por fim, é nossa intenção perceber qual o grau de apropriação pelas escolas e pela comunidade dos referenciais utilizados na avaliação institucional.

Como procedimentos de recolha e análise de dados, após a transcrição e leitura na íntegra de todas as entrevistas realizadas, serão construídas as sinopses das entrevistas (Guerra, 2006). Seguem-se as análises descritivas, onde se incluem as tipológicas, categoriais e de temática aprofundada e as análises interpretativas, que remetem para as “hipóteses explicativas” e os

“ideais-tipo” no contexto daquela que é, ainda, uma fase exploratória de organização das “hipóteses explicativas” do fenómeno, cujo fim último é a investigação analítica no sentido da construção de um modelo científico de interpretação dos resultados (Guerra; 2006; Poirier, Valladon, & Raybaut, 1999; Schnapper, 1999).

A este propósito, importa aqui destacar algumas especificidades da análise tipológica e da análise categorial.

A análise tipológica e o método de análise de dados da entrevista por excelência (Bogdan & Biklen, 1994; Ghiglione & Matalon, 1993; Guerra, 2006; Poirier, Valladon, & Raybaut, 1999), permitindo ordenar os materiais, classificá-los segundo critérios pertinentes, bem como encontrar as dimensões de semelhanças e diferenças, as variáveis mais frequentes e particulares. A análise tipológica pode ser de dois tipos: 1) construção de tipologias por semelhança (reagrupar por critérios de proximidade de conteúdo – sujeitos, fenómenos, opiniões, etc.) em agrupamentos exclusivos (dimensões de análise não são cumulativas); 2) análise categorial (identificação das unidades pertinentes que influenciam determinado fenómeno em estudo, “reduzindo o espaço de atributos” de forma a “sacar” apenas as variáveis explicativas pertinentes) (Bogdan & Biklen, 1994; Demazière & Dubar, 1997; Ghiglione & Matalon, 1993; Guerra, 2006; Poirier, Valladon, & Raybaut, 1999; Schnapper, 1999). A análise categorial permite a identificação das variáveis cuja dinâmica é potencialmente explicativa de um fenómeno, proporcionando a possibilidade de percorrer os dados na procura de regularidades e padrões, bem como de tópicos presentes nos dados (Demazière & Dubar, 1997; Guerra, 2006; Poirier, Valladon, & Raybaut, 1999; Schnapper, 1999). Nesta tipologia, destacamos a categorização emergente, que consiste num trabalho analítico de comparação constante dos dados e de abstração progressiva, que conduz à identificação das categorias, e resulta na sucessiva redefinição à medida que vão sendo introduzidos novos dados. A comparação constante e a posterior redução e abstração dão origem à emergência de categorias teóricas ou concetuais, em resultado do acesso a diversos campos experienciais característicos das organizações (Demazière & Dubar, 1997; Poirier, Valladon, & Raybaut, 1999; Schnapper, 1999). Em alternativa, os autores referem ainda a categorização predeterminada, em que as categorias foram definidas a priori com base no modelo teórico.

Como princípios orientadores da análise dos dados, Demazière e Dubar (1997), Huberman e Miles (1991), Maroy (1997) e Strauss e Corbin (1991) destacam a indução, a codificação aberta e a teorização, princípios essenciais para gerar uma teoria local, ancorada nos factos. O princípio indutivo pressupõe a inexistência de categorias preestabelecidas, devendo ser

identificadas a partir dos dados categorias que, inicialmente, são descritivas, “indígenas”, mas que progressivamente vão sendo redefinidas através de processo de comparação constante). Estas categorias são organizadas e reduzidas até à definição da estrutura categorial final que pressupõe a identificação de categorias mais abstratas. A categorização aberta permite que um mesmo conteúdo seja suscetível de ser integrado em mais do que uma categoria e estabelecer relações entre categorias que deem acesso a análises e compreensões da realidade estudada com um alcance mais geral. Por fim, o princípio da teorização pressupõe a passagem das categorias descritivas ou indígenas às categorias “sábias”, através de um processo de redução de categorias e de abstração progressiva.

### **Objetivos e dimensões da entrevista**

Na prática, são objetivos gerais da entrevista a) analisar a perspectiva de desenvolvimento organizacional defendida pela equipa diretiva/diretor(a), b) identificar as dinâmicas envolventes da comunidade escolar, c) avaliar mudanças nas práticas pedagógicas decorrentes do processo de avaliação externa, d) perceber quais os fatores que contribuem para o autodesenvolvimento profissional docente e e) analisar diferentes trajetórias curriculares.

Como dimensões a considerar no guião que, neste exercício, propomos, refiram-se, num primeiro grupo relativo aos aspetos mais organizacionais, os desafios da escola/agrupamento, o estilo de liderança do(a) diretor(a), a estrutura organizacional da escola/agrupamento. Quanto aos fatores curriculares e pedagógicos, iremos considerar o contributo do processo de avaliação externa em termos do processo de autoavaliação, do sucesso escolar e da qualidade do ensino (evidências) e, ainda, implicações para o corpo docente no que se refere, em particular, ao compromisso com a missão, valores e visão. Por fim, na dimensão relativa às relações com a comunidade educativa, será avaliado o grau de satisfação e feedback, bem como a participação ativa e envolvimento dos diferentes agentes educativos.

Terminamos esta comunicação com a proposta de algumas questões a integrar o guião:

- Que opções têm sido tomadas no âmbito da autonomia pedagógica?
- Como descreve a cultura atual de escola?
- Que alterações significativas regista nos últimos dois a cinco anos?
- No âmbito da atual política de diferenciação, o que pensa sobre o reconhecimento da escola a nível local/regional/nacional?
- Quais os maiores desafios com que a escola é confrontada?

- Como reagiu face aos desafios e contextos atuais (alterações legislativas/crise económica/classificações em exames) no sentido de promover um maior sucesso da escola e dos alunos?
- Quais as maiores barreiras ao sucesso das aprendizagens dos alunos?
- Considerando o conceito de sucesso que enunciou, que importância atribui e como gere a relação com pais /encarregados de educação /famílias, a comunidade (parcerias) e os diretores de outras escolas?
- Em termos curriculares e pedagógicos, quais considera terem sido as maiores alterações decorrentes do processo de avaliação externa?

## Referências bibliográficas

- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bisquerra, R. (1989). *Métodos de Investigación Educativa: Guia Practica*. Barcelona: Ediciones CEAC.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994 [1991]). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- De Ketele, J.-M., & Roegiers, X. (1993). *Méthodologie du recueil d'informations*. Bruxelles: De Boeck-Wesmael.
- De Ketele, J., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados, Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e de Estudo de Documentos*. Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade, Lisboa.
- Demazière, D., & Dubar, C. (1997). *Analyser les entretiens biographiques: l'exemple de récits d'insertion*. Paris: Éditions NATHAN.
- Fox, D. J. (1981). *El proceso de investigación en educación* (trad. del inglés). Pamplona, España: EUNSA.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1993). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O Inquérito – Teoria e Prática* (3ª ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Estoril: Principia Editora.
- Huberman, M., & Miles, M. (1991). *Analyse des données qualitatives. Recueil de nouvelles méthodes*. Bruxelles: De Boeck Université.
- Maroy, C. (1997). A análise qualitativa de entrevistas, in L. Albarello, F. Digneffe, J.-P. Hiernaux, Ch. Maroy, D. Ruquoy e P. Saint-Georges, *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências*

- Sociais* (pp. 117-155). Lisboa: Gradiva.
- Olabuénaga, José Ignacio Ruiz (2003). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Pires, R. P. (1997) Échantillonnage et recherche qualitative. Essai théorique et méthodologique, in G. Moran (ed), *La recherche qualitative. Enjeux épistémologiques et éthologiques* (pp. 365-389). Canada: Gaëtan Moran.
- Quivy, R., Campenhoutd, L. V. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Poirier, J., Clapier-Valladon, S., & Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida – Teoria e prática* (2ª edição). Oeiras: Celta Editora.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In Luc Albarello, Françoise Digneffe, Jean-Pierre Hiernaux, Christian Maroy, Danielle Ruquoy & Pierre de Saint-Georges (Eds.), *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*, (pp. 84-116). Lisboa: Edições Gradiva.
- Schnapper, D. (1999). *La comprensión sociologique. Démarche de l'analyse typologique*. Paris: PUF.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1991). *Basics of Qualitative Research. Grounded Theory, Procedures and Techniques*. Newbury Park: SAGE.